
ASSAYAG, Jackie. *La mondialisation des sciences sociales*. Paris: Téraèdre, 2010. 258 p. (Collection l'anthropologie au coin de la rue).

*Suzana Cavalheiro de Jesus**

Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

Este livro de Jackie Assayag integra a coleção *L'anthropologie au coin de la rue*, da editora francesa Téraèdre. A proposta dessas obras é tratar de temas do cotidiano social com uma linguagem acessível, de modo que possam ser lidas tanto por antropólogos quanto por um público mais amplo de leitores. Nessa perspectiva, o tema abordado por Assayag é a mundialização.¹ Segundo ele, o fato central dos tempos modernos não é que a Terra gira em torno do Sol, mas que o dinheiro corre ao redor do mundo no interior de um capitalismo planetário. Isso não inclui apenas a questão monetária, mas mercados de bens culturais, comunicacionais, cognitivos e de imaginários.

Para sistematizar suas reflexões, a obra foi dividida em duas partes. A primeira, *La mondialisation des conflits*, consta de três capítulos, nos quais são abordados aspectos geopolíticos dos chamados estudos regionais; a relação dos Estados Unidos com o Talibã e o Afeganistão; e os processos de colonização contemporâneos a partir da ideia de guerra declarada ao terrorismo. A segunda parte, intitulada *Les politiques du savoir – portraits et controverses*, é composta por sete capítulos, dos quais seis apresentam obras, conceitos e biografias de pensadores que se relacionam com a temática da mundialização; e o último é dedicado aos estudos pós-coloniais.

No primeiro capítulo, “Geopolitique des études régionales – visions fragmentées”, Assayag discute os financiamentos de governo para a política dos “estudos regionais” durante a Guerra Fria. Segundo o autor, a preeminência das Nações Unidas e o papel econômico, político e cultural dos Estados

* Doutoranda em Antropologia Social.

¹ Conforme sublinha Assayag, este fenômeno é descrito por britânicos e norte-americanos como globalização, termo que o autor opta por não utilizar, entendendo que mundialização, termo utilizado na França, designa as mesmas questões.

Unidos nos negócios internacionais foram fundamentais para o sucesso desses programas e contribuíram para transformar os estudos regionais em uma área de pesquisa. Nesse contexto, Assayag afirma que após o colapso da URSS e do mundo bipolar, os estudos regionais passaram de investigações sobre línguas, sociedades, culturas ou civilizações não ocidentais para pesquisas voltadas ao islamismo.

No capítulo “Ethnie, nation, État, empire – à propôs des talibans et de l’Afghanistan”, o autor destaca aspectos da história do Afeganistão, geografia, conflitos étnicos e religião. Descreve Oussama Ben Laden e Mollah Omar como filhos bastardos da Guerra Fria, nascidos do último conflito americano-soviético. Para Assayag, a ambição norte-americana relaciona-se à fabricação das peças de um Estado-Nação democrático, em um espaço considerado de insolência e localizado na encruzilhada dos mundos iranianos, indiano, turco e mongol. Nesse contexto, grande parte do mundo acompanha e aprova a destruição do Taliban, enquanto o mesmo demonstra estar crescendo cada vez mais, recrutando adolescentes pobres que são desde cedo separados da família para dedicarem-se aos estudos da doutrina islâmica e à aprendizagem de técnicas militares.

Trata-se de uma larga escala de conflitos. Segundo Assayag, os eventos terroristas mostram que os grupos fundamentalistas são tanto produto como agentes da globalização. Desenvolvendo seu argumento, pontua que o Taliban deve muito à política islâmica, conduzida pelo presidente paquistanês Zia-ul-Haq, dos anos 1970 e 1980. Foi nesse período que aconteceu a proliferação de escolas corânicas² e que a militarização foi levada às organizações religiosas, estabelecendo laços entre o Afeganistão e a Caxemira na formação e aperfeiçoamento de terroristas – uma outra rede, uma outra face dos fluxos globais.

Ao tratar da “Colonisation des espaces imaginaires contemporains quand guerre et paix s’emmêlent”, no terceiro capítulo, Assayag afirma que a guerra declarada ao terrorismo, após o massacre de 11 de setembro, com as operações militares subsequentes no Afeganistão e no Iraque, foi uma renovação da tradição de intervencionismo melhorativo dos Estados Unidos. Há assim a proposta de uma nova divisão mundial, dessa vez entre “civilizados” e “bárbaros”. O que prevalece agora, segundo o autor, é uma visão sombria da

² Dedicadas ao estudo do Alcorão.

mundialização, uma luta até a morte entre dois mundos, mas que se estende a todos os continentes, dividindo o espaço planetário entre o “Império do Bem”, simbolizado pelos norte-americanos e o “Império do Mal”, simbolizado hoje pelo terrorismo islâmico e no passado pela URSS e pelo comunismo.

A segunda parte do livro condensa capítulos menores. O primeiro³ Assayag dedica à uma reflexão sobre as formulações de Ernest Gellner na obra *Language and solitude*, considerando seu diálogo com Ludwing Wittgenstein, na filosofia, e Bronislaw Malinowski, na antropologia. Na sequência⁴ elabora uma crítica sobre o livro de Kimberley Cornsih *Wittgenstein contre Hitler*, sublinhando uma certa mistificação que esse autor confere a Wittgenstein e sua relação com o antissemitismo. No capítulo seguinte,⁵ Assayag trabalha com o caráter interdisciplinar da obra de Eric Hobsbawm, seu papel de militante e suas pesquisas sobre conflitos e grupos de bandidos. O quarto capítulo⁶ dessa segunda parte é dedicado à Clifford Geertz, sua utilização do modelo hermenêutico, o lugar central da experiência de campo na antropologia interpretativa, as ideias de descrição densa e de antirrelativismo. Dando continuidade,⁷ Assayag apresenta os principais conceitos de M. N. Srinivas em seus estudos sobre os sistemas de castas indianos, caracterizando essas reflexões como fundadas em conceitos simples, mas heurísticos, pensados a partir de pesquisas sobre transformações na morfologia social da Índia, em diálogo com os estudos de gênero. Finalizando a exposição de obras e pensadores, Assayag traz as discussões de Arjun Appadurai,⁸ descrito por ele como um pensador que se propõe a fazer uma teoria social da pós-modernidade, dado que pensa a antropologia para além do local, da cultura, da etnia e da nação, no mundo globalizado.

No capítulo final, “Comment devient-on un penseur post-colonial?”, Assayag procura caracterizar o que constitui o campo dos estudos pós-coloniais e seus principais representantes. De modo geral, é possível citar cinco pontos principais que sintetizam as grandes questões dos estudos pós-coloniais

³ “Comment devient-on européen? Ernest Gellner, Ludwing Wittgenstein et Bronislaw Malinowski”.

⁴ Segundo capítulo, da segunda parte, intitulado “Comment devient-on antisémite? Ludwin Wittgenstein contre Adolf Hitler”.

⁵ “Comment devient-on un historien mondial? Eric Hobsbawm”.

⁶ “Comment devient-on un artiste de l’anthropologie américaine? Clifford Geertz”.

⁷ Quinto capítulo da segunda parte – “Comment devient-on un anthropologue indien? M. N. Srinivas”.

⁸ “Comment devient-on un anthropologue post-moderniste et diasporique? Arjun Appadurai”.

na opinião do autor: 1) os questionamentos de conhecimentos situados e marcados em termos de identidade, cultura, classe e gênero; 2) a crítica aos saberes percebidos como consolidados e a tarefa de repensar campos adormecidos, efetuando releituras de histórias marginais; 3) os estudos sistemáticos sobre a relação saber e poder, procurando pensar uma história sociopolítica da dominação; 4) as traduções acerca dos termos e das relações entre metrópole e colônia no contexto contemporâneo; e 5) a proposta de um novo desenho das fronteiras das disciplinas científicas e também da alteridade.

Assim, sem perder de vista o propósito de escrever para antropólogos e leigos em antropologia, Assayag delineou capítulos breves, mas consistentes em termos de teoria e de exposição das questões em pauta. Convidou-nos a refletir sobre como as configurações geopolíticas criam questões de pesquisas em nível mundial e, ao dialogar com diferentes formas de pensar e interpretar as tramas da mundialização e do pós-colonialismo, conseguiu desenvolver uma importante contribuição para a compreensão da história do presente. Para além de problematizar temas e teorias, a obra expõe relações que produzem antropologias e antropólogos, configurando-se em uma referência bastante pertinente no rol das formulações sobre antropologia mundial, transnacional e/ou da globalização.